

POSITO LEGAL

CRÓNICA

Masculina



MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA Masculina

N.º 14 — 9-III-1957

Director e Editor: RUI COSTA
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207. — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os sábados

DE HOMEM PARA HOMEM

ANDAR A PÉ É BOM EXERCÍCIO

O problema, certamente, já foi «debicado» pelo arguto e socrático espirito de Leitão de Barros, colorido e delicioso cronista de aspectos e acontecimentos cívicos, que, debruçado no seu «beiral» de corvos, dali tudo observa. Mas...

Nunca é de mais insistir: todos os dias há mais veículos na capital, e o trânsito, a certas horas e em certas artérias torna-se extremamente complicado.

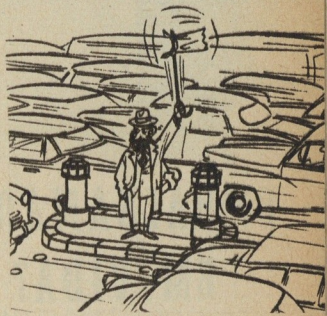
Os automóveis no seu galope infrene de setenta cavalos, galgam os passeios, transpõem «passereles», ante o silvo de um polícia, dispostos a ir de Benfica a S. Vicente no mesmo tempo em que os poderosos foguetões (do futuro...), vão ligar o Sodrê a Almada. As motocicletas nas suas diversas variedades — a clássica e secularizada, a vespa de traca airosa e a «lambretta» que dá gosto e faz chorar —, formam nutrida legião de tomer, pois serparentiam quais enguias, pelas estreitas tiras dos asfaltos, metendo-se por onde não cabe o nédio cidadão que anda a pé.

Inútilmente se lhes recomenda que sigam sempre pela direita juntinho aos passeios sem irromper entre os bólides de quatro rodas, pesados ou ligeiros. Não há processo de convencer vespistas, lambrettistas ou os ases (suicidas) do pedal revelados na «Marconi» a que se afastem deles como de espectros infernais — e de nós também, pobres peões que, quando atravessamos certas ruas, o fazemos sempre com o credo na boca.

Esses temerários volantes ao mesmo tempo que arriscam a própria vida, põem em perigo a vida alheia; agem e conduzem e conduzem-se como um toureiro que resolvesse descer à arena cercado de todos os espectadores da barreira para ver se a fera os colhia.

Mas os problemas do trânsito à espera de solução não ficam ainda por aqui: no Bairro Alto, o triste mortal cujas pequenas pernas não excedem a velocidade natural de 5 kms. por hora, encontra na frente, às horas de trabalho, verdadeira barricada: são os «armazéns» motorizados dos grossistas de viveres e de vinhos, que, encostados à parede dos lojistas, não concedem uma nesga de terreno ao laborioso bipéde que quer ir à sua vida. E afrontar a fresta de terreno que, de quando em quando, nos concedem essas réplicas do caminhão gigante é correr o risco de levar com saco de arroz em cima ou com barril de abafado que nos conduz ao lugar do sono eterno.

E ali, na Escola Politécnica, D. Pedro V e adjacências, por volta das dez, quando o serventuário abnegado corre célere para a repartição, das duas uma: ou vai de «taxi» e a certa altura sente ganas de se apeiar e prosseguir a pé; ou vai a «butes» e chegado à Príncipe Real, se quer atravessar tem de arvorar bandeira branca.





EMBALSAMADOS EM VIDA?

Junto dos túmulos dos seus antepassados, erectos num sumptuoso palácio napolitano de estilo barroco, o actual príncipe Caracciolo posa para os fotógrafos, intrigados com um acontecimento que envolve os seus maiores. Poíticos, cardeais, diplomatas e militares repousam ali e ali guardam indesejável segredo. Segundo os anais de família, remotos progenitores do príncipe, depostos nos riquíssimos mausoléus teriam conhecido um elixir que conservava maravilhosamente os cadáveres. Durante muito tempo negou-se veracidade à tradição, considerada apenas lendária. Mas operários que trabalhavam num dos muros do palácio cometeram um achado surpreendente: lograram um cadáver tão perfeitamente conservado como rezavam as crónicas.



NO CRÂNIO: APENAS VEIAS. — O cérebro que outrora ocupava este crânio, cuja cobertura foi cuidadosamente retirada, tornou-se há muito em pó. Apenas as veias mais grossas, que alimentavam o cérebro com sangue purificado, se distribuem bizarramente pelas paredes internas do crânio.



A OBRA INCOMPREENSÍVEL DE UM SÁBIO OU DE UM LÓUCO. — A ciência procura explicar o fenómeno. Arqueólogos, mumificadores e médicos observam o esqueleto, cujas partes estão rodeadas de espessa rede de veias rígidas como pedra! A pele e a carne desapareceram, só os vasos sanguíneos, os nervos, e até o cora-

ção (à direita, no círculo vermelho 4) se conservam incorruptos. Todas as veias e artérias estão no lugar próprio. Até com os processos mais modernos não se consegue conservar o sistema circulatório do homem de forma tão perfeita. Que substâncias químicas conterá o preparado, com o qual se obteve tal maravilha? Parece não ser admissível outra conclusão: Uma substância «pouco líquida» não seria possível de injectar no sistema circulatório d'um cadáver. Por isso o coração ainda trabalhava quando o preparado foi injectado. Teria sido assim? Ignora-se a verdade. Os mortos não falam...



O guarda-chuva rectangular

Haverá quem diga que o guarda-chuva, esse luxo de burgueses (os que o não são usam automóvel...) é das poucas coisas que a moda e o costume não mudaram. Criado há um par de séculos, permanece igual, indiferente ao tempo: mais ou menos comprido o punho que nos oferece à mão; mais ou menos a ampla armação que nos protege a moleirinha. Ora para calar os insatisfeitos, aqui está uma inovação: o guarda-chuva (que também é guarda-sol da gente idosa) com forma rectangular, apresentado em Paris numa exposição de artigos de pele. A sua nova silhueta tem lógica, sabido. O corpo humano normalmente mede mais de Este a Oeste que de Norte a Sul (os pontos cardiais são-nos sugeridos por Mantegaza que chamou à cintura das mulheres o seu equador de beleza. O equador da jovem que apresenta a inovação não se vê — mas adivinha-se no «espaço fotográfico» da imagem reproduzida.

FRASES SOLTAS

«Um grande coração está sempre cheio de lamentos neste mundo. E cada um destes lamentos quer dizer: «Basta!».



«É preciso ter mais coragem para viver diante de si mesmo, na solidão, do que morrer com alarido no fasto de um circo».



DEDOS A MAIS

Em Angeles, povoação das Filipinas, um casal de nacionalidade norte-americana foi vítima de roubo cometido por naturais daquelas ilhas. A polícia prendeu os suspeitos e, entre os detidos apareceu um rapazinho de dezassete anos chamado Ignácio Aguilar que tem seis dedos em cada pé. Tão estranha particularidade concitou sobre ele as atenções das autoridades e dos fotógrafos os quais, desde logo, resolveram divulgar ao vasto mundo o raro fenómeno anatómico. Segundo Ignácio, nenhum outro membro da sua família apresenta semelhante anormalidade. Também o conseqüente problema do calçado o não aflige: resolveu andar descalço, remédio que, além de económico, lhe permite exibir a «abundância» digitoinferior.

Acredite ou Não ...

A neve é branca porque atravessa camadas atmosféricas quentes.



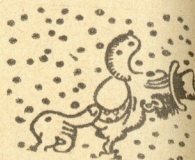
Antigamente, um velho de 100 anos era uma criança. Segundo Moisés, Adão, viveu 930 anos, Seth, seu filho, 912, Enós, seu neto, 915, e Matusalém, 969.



Os banqueiros e os homens de negócios dos E. U. resolveram doar meio milhão de dólares para os cofres de uma fundação nobre e valerosa que procura identificar o vírus que provoca o catarro. Calcula-se que naquele país, se deixe de ganhar cinco biliões de dólares por ano, em virtude do resfriado comum.



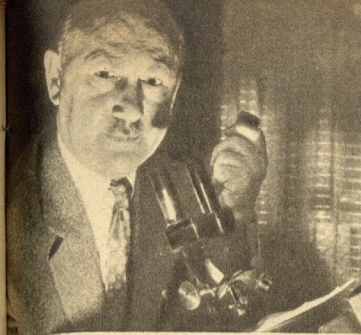
Em cada três horas morre nos Estados Unidos da América uma pessoa, vítima de um tiro acidental.



A cerveja já era conhecida pelos egípcios e fenícios, há mais de quatro mil anos.



O gesto substitui facilmente a expressão da palavra. Se se pergunta a uma pessoa: «que significa compacta» ou «que é uma escada em caracol», começará por se exprimir por gesto e dificilmente dará uma definição verbal exacta.

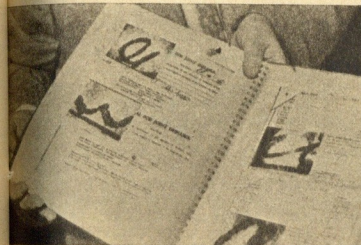


CANCRO e GRAFOLOGIA

Alfred Kamfer, grafólogo austríaco que vive e trabalha em Nova Iorque, afirma ter descoberto o modo de diagnosticar um caso de cancro examinando ao microscópio a escrita do doente.

Numa das imagens, vemos algumas das muitas micro-fotografias de sinais caligráficos recolhidos por Kamfer no decorrer dos seus estudos, pelos quais se interessa actualmente uma grande Companhia de Seguros de Nova Iorque.

Não há muito tempo, o grafólogo terminou uma série de diagnósticos comprovados pela Sociedade americana para a luta contra o cancro: acertou em 85 por cento.



“REGRESSO À NATUREZA”

...disse, com os seus botões, a estrela do cinema italiano Marisa Allasio; e, se bem pensou, melhor o fez. Deixou cair o cabelo, à maneira de Brigitte Bartot, e um realizador de cinema que a lobrigara logo se dispôs a aproveitar o seu talento. O produtor Goffredo Lombardo, cujos filmes da série «Pão e Amor...» tinham reduzido os seus fundos, renunciou à colaboração dispendiosa das «Bombas do sexo» Lollo e Loren, e confiou a Marisa um papel numa das suas películas «Pobre mas bela», é o nome do filme de que Marisa será a protagonista. «Pobre mas bela» é também divisa da nova cinematografia italiana que espera vencer a crise financeira com «bombas» mais baratas, mas de efeitos semelhantes.

NO ALVOR DE MAIS UM ANO

O CÉREBRO E O CORAÇÃO DA A. P. R.



Se uma obra não interessa senão a raras pessoas, quase ninguém fala dela. Mas se essa obra e o seu reflexo transcende em alcance a inapreensível satisfação do cotidiano para se dirigir ao espírito e nele permanecer, justo é que lhe defiramos relevo condigno. É o caso da Agência Portuguesa de Revistas que, no alvor de mais um ano, o décimo da sua actividade laboriosa se pode orgulhar de haver fomentado ou concorrido para a formação de uma cultura nova, nascentes nas classes sociais de nível médio.

A par das suas edições meramente recreativas que trocam horas de fêdico, de temas na vida por outras deliciosas de apazível leitura, a A. P. R. tem procurado — e conseguido criar um espírito novo; mercê da publicação de livros e revistas de carácter reconhecidamente formativo.

Na última edição da «Crónica Masculina» apresentámos o homem que deu corpo e vida a muitas iniciativas que o público acolheu com a mais viva simpatia, o homem que deu alma a ideias as quais sem a sua alma seriam meteoros. Cumpra-nos ouvir agora quem, no silêncio reflexivo do seu gabinete «endereça» ao público as criações da Agência.

Se Mário de Aguiar é a génese das ideias e a força impulsiva da sua efectivação, António Joaquim Dias, o método em pessoa, é o homem que impõe a regularidade pendular às horas do convívio espiritual que

quem escreve celebra com quem lê, todos os meses, todas as semanas, todos os dias. O director-administrativo da A. P. R. é que se chama «The right man in the right place»; é o cérebro de uma organização imensa; o cérebro e o coração, visto no seu mister de alimentar e activar as artérias que se congestionam num todo; é o vaso onde passa o sangue.

António Dias, que o pessoal da casa e o de entidades similares consideram um nestre da arte de bem distribuir, estabeleceu há trinta anos uma espécie de consórcio com o mister que executa. Ninguém como ele conhece os caminhos que levam ao seu destino os livros e as revistas que o público elege. Nenhuma outra mão dominam tão perfeitamente o segredo que envolve as complexas ramificações desses caminhos, desde que a obra sai da máquina, húmida ainda de tintas até aos escarpados dos agentes onde se mostra gritantemente colorida aos olhos de quem a procura.

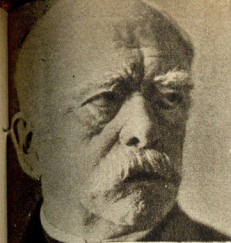
No dia em que a A. P. R. inaugura mais um ciclo de vida destinado a fechar uma década, conversámos com o homem que promove ou supervisiona a distribuição mensal de um milhão de exemplares por mês, entre publicações nacionais e estrangeiras.

Com júbilo natural de quem faz anos (o homem confunde-se sempre com a sua obra) António Dias, ditou-nos estas palavras:

— Ao celebrar esta data, a satisfação que sinto é aquela satisfação insatisfeita de quem anseia por mais e por melhor. Recordar o princípio da nossa casa? Talvez não valha a pena, as recordações são sempre como os ecos das paixões que alimentamos. Mas quero dizer-lhe que se dos muitos anos de sacrifício não lográmos extrair frutos materiais compensadores, sinto-me ressarcido pela amizade que me liga ao Mário de Aguiar.

— E que mais, António Dias?

— Neste momento grato ao nosso espírito, desejaria que a «Crónica Masculina» se tornasse intérprete de uma saudação da A. P. R. para todos os seus agentes espalhados pelo País. A preciosa colaboração que eles nos têm dispensado, devemos boa parte do que conseguimos realizar: estabelecer um contacto vivo, permanente e agradável com o público que gosta de ler.



MATURIDADE E VIGOR acompanham quase sempre sobranceiras espessas, e no caso de Bismarck não há lugar para dúvidas. Quando se apresentam densas e erigidas revelam temperamento colérico e violento, que na velhice dá lugar à astúcia. Não é por acaso que se chama a Churchill, que tem sobranceiras desta natureza, uma «velha raposa». Outros homens célebres, como Einstein e o Dr. Alberto Silweitzer, têm também sobranceiras com as mesmas características.

Poder-se-ia chamar, à famosa pintura de Rafael, a Maddona com as sobranceiras rapadas. Mas este costume era tão natural nessa época que até os santos sofriam essa operação dos artistas que os representavam. Aliás esta moda é antiquíssima. No Egipto dos faraós usava-se negro de fumo, e na antiga China a conhecida tinta da China, para acentuar a finura das sobranceiras, que em todos os tempos se julgou exprimir nobreza de espírito.



A LINGUAGEM das SOBRANCELHAS

AS sobranceiras têm a sua linguagem, uma linguagem que nos traduz o íntimo das pessoas, a sua personalidade, a sua alma, o seu carácter.

Morfologista como Lavater e frenologista como Sinori estudaram a fundo a gramática do ornamento capilar que a Natureza nos pôs sobre os olhos para os proteger. E já Minza-Schaffy observava: no rosto de cada ser anda impresso o amor e o ódio e sob a luz dos olhos todos os sentimentos vêm à luz.



DIABÓLICO E FERAZ assim se poderia designar este par de sobranceiras, que — facilmente se reconhecerá — pertencem a Sophia Loren. Naturalmente, as sobranceiras são acentuadas por cosméticos, mas o desvio brusco para cima é autêntico e corresponde aos olhos oblíquos. Estas sobranceiras denunciam não só o temperamento, como também o cálculo frio nas coisas do coração, que se atribui às «vamps» e cortesãs.



A **SABEDORIA DA VELHICE** reconhece-se nas sobranceiras. «Nunca vi um pensador profundo com sobranceiras finas», afirma Lavater em 1778 numa das suas obras. O quadro de Alberto Dürer que representa o pai do pintor fornece expressivo exemplo das sobranceiras que indicam um carácter recto; um homem cuja imagem do mundo era bem ordenada.





BOXE, DESPORTO PROIBIDO?

Ilustram este pequeno artigo duas dolorosas expressões (uma delas na contra-capta) do pugilista espanhol José Hernandez que, recentemente, no Palácio do Desporto de Milão suportou duro castigo do campeão europeu dos pesos ligeiros Dullio Loi. Uma antiga rivalidade entre os dois campeões tornou a luta particularmente violenta. No final do combate, o espanhol sofreu uma luxação no segundo metacarpo da mão esquerda. Nos últimos quatro «rounds», Loi investiu com fúria, e venceu sem remissão o antagonista que se mostrara impetuoso nos primeiros assaltos. No final, o espanhol, que quis resistir a todo o custo, cambaleava como se estivesse embriagado.

NO dia 21 de Dezembro passado, a Câmara Baixa da Bélgica votou uma lei que proíbe a luta e impõe algumas restrições ao pugilismo. A proposta deve ser aceite pelo Senado, e há razão para crer que a Bélgica também o boxe será posto de lado, se as coisas não passarem a correr melhor.

A Bélgica seguiu o exemplo da Noruega e da Grã-Bretanha. Sim, também do outro lado da Mancha se ergueram vozes autorizadas para exigir um controle severo dos pugilistas e organizadores. A senhora Edith Summerskill escreveu um livro que constitui implacável libelo contra o boxe. A terrível escritora apontou, em determinada altura, o velho campeão do mundo Archie Moore como o boxeur típico embrutecido pelos punhos (Moore reagiu vigorosamente, dizendo-se pronto a demonstrar à senhora inglesa a sua completa eficiência psico-física).

Além disso, noutros países, têm-se verificado campanhas que, se não propõem a proibição do pugilismo, pretendem induzir as autoridades a olharem com cuidado e maior atenção este popular desporto, para o defenderem do «gangsterismo» e dos vícios que quase sempre o rodeiam.

Temos elementos que proporcionaríamos vasto e interessante artigo, mas deles respigamos somente alguns apontamentos que caibam nas laudas da nossa revista.

Não se trata, evidentemente, de fomentar campanha (mais uma) de proibição; mas o boxe deve ser transformado em algo de mais humano do que é habitualmente, com oportunas reformas do regulamento, como aconteceu na Bélgica e na Noruega. Actualmente, cerca de quarenta por cento dos pugilistas ressentem-se das consequências dos violentos golpes sofridos.

As consequências mais graves fazem-se notar no sistema nervoso. Os golpes, por exemplo, recebidos na região central do nariz produzem um «corrimento» do cerebelo (o órgão é protegido — é bom dizê-lo — por «suspensores», como o motor de um automóvel) que se traduzem por pequenas hemorragias ou lesões nas membranas envolventes. Muitas vezes, o choque não produz hemorragias, mas pode danificar a substância cerebral com a formação de «edemas», circunscritos ou difusos, com consequente dano das células e das estruturas nervosas. Podem originar portanto o **punch drunk** (embriagado pelos socos), como dizem os americanos, ou encefalopatia crónica, para usar a terminologia dos médicos.

VAMOS ATÉ AO PÓLO-NORTE?

NUMA época em que se fala tanto de pesca submarina (desporto perigoso e até impossível para quem não saiba nadar) recomendamos um processo para os leitores que não estão para se meter em sarilhos desse género. Trata-se de uma pesca produtiva, sem linhas nem canas: é preciso somente olho vivo e mão leve. Para isso, porém, temos de ir ao pólo-norte ou sul, com preferência pelo primeiro. Chegadas lá, fazemos um buraquinho na neve, até alcançar águas vivas; os peixes ficam muito interessados em ir vez a luz do sol, de que estavam saudosos; nesse momento, enterramos-lhe no físico o arpão que tínhamos já em riste. É preciso ir um bocado longe, mas vale a pena. Além disso, na volta ao pátrio lar, temos assunto para conversa ao serão,



que até pode meter aventuras perigosas com ursos do autênticos, que não tocam pandeiro nem andam de bicicleta.

Um dos nossos leitores — amante do desporto que possa ser feito sentado (ou de cócoras), de cachimbo na boca e com o corpinho bem revestido de peles — enviou-nos estas duas simpáticas e expressivas imagens. Numa delas foi fotografado de longe por um esquimó especialista em recolher **bonecos** para jornais de actualidade mais ou menos flagrante: em primeiro plano figura um montinho de peixes (verdadeiros e não dos comprados numa peixaria próxima); ao fundo está o tal nosso leitor, cujo único trabalho foi mandar cavar (quem é que é parvo?! o buraquinho na neve, cuja espessura atinja cerca de metro e meio; depois, era só esperar no peixe o arpão ou o tridente. Diz ele que preferia este último, que sempre o aproximava de Neptuno).

A outra fotografia chegou até nós com pedido para não ser publicada. É que o esquimó fotógrafo, desconfiado da fartura da pescaria, quis ir ver se, de facto, os peixes não estariam ali à mão de semear, chamados por técnica alheia aos seus princípios da pesca pela pesca. Por isso, aproximou-se do já célebre buraco e espreitou... Nessa altura, o nosso leitor vin-gu-se, e tirou-lhe uma fotografia em que se revela não só bisbilhotice como também uma curiosidade que mais não é do que falta de confiança no pescador branquinho...



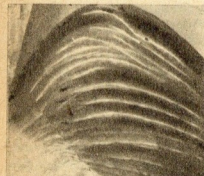
APÓS OBRA PUBLICADA
DISTRIBUIÇÃO ACERTADA
CONSULTE A
AGENCIA PORTUGUESA
DE REVISTAS



Monumentos

Protegendo os olhos contra os reflexos do sol para poder contemplar melhor a grandeza esmagadora do Coliseu de Roma, Jane Finlayson, «Miss Austrália 1956», que esteve recentemente em Itália, recorta a sua harmoniosa silhueta no cenário imponente do velho circo em ruínas. Os turistas que, por coincidência visitavam o rancoso edifício do século dos Césares, naquela ocasião, tiveram, certamente, ensejo para apreciar dois monumentos.

SABE RESPONDER?...



1. Para que serve e como é chama? Este objecto tem um nome exacto. É:

A — Um balão, no momento em que se enche?

B — Uma pá de hélice de avião?

C — Uma cauda de caça-lotof?

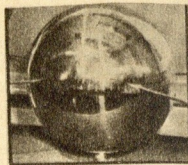
D — Uma vela de embarcação malaia?

2. O exército da Alemanha ocidental é formado por cerca de... homens.

A — 60.000; B — 80.000;
C — 100.000.

3. A personagem apresentada em baixo é:

A — Gloria Grahame;
B — Clara Luce;
C — Corinne Calvet.



4. O objecto fotografado acima é:

A — Uma mina magnética?
B — Um satélite artificial?
C — Um cérebro electrónico?

5. A cidade de Damasco é a capital de um Estado do Médio Oriente. Qual?

A — Síria
B — Pérsia
C — Líbano

1 — B; 2 — C; 3 — B;
4 — B; 5 — C.

RESPOSTAS

50 VEZES SOPHIA

Os êxitos alcançados pela sua rival, Gina Lollobrigida, não deixam dormir a orgulhosa Sofia Loren: a Lollo tinha mandado executar o retrato a cinquenta pintores diferentes e, expô-los ao público. Agora a Sofia replicou-lhe com uma exposição de igual categoria: foi pintada 50 vezes pelo realizador do seu último filme, «A Rapariga e o Delfim», Jean Negulesco, que é também um admirador fervoroso da artista. O seu produtor de cinema e amigo Carlo Ponti indignou-se contra a exposição pública destas obras-primas. Os protestos não lhe valeram de nada. A exposição continua aberta. Onde? Em Roma.



A NOSSA CAPA

Bártolo Valença, a figura masculina que se vê na foto, é um jovem cheio de talento que sabe emprestar brilho e forma às suas ideias. Estranhamente apaixonado dos motivos do nosso folclore criou e dirige ainda um conjunto musical que todo o país conhece: «Os rapazes do ritmo». Mas se as cantigas do povo alcançavam nas vozes e nos instrumentos dos seus rapazes rara expressão graciosa, em que o chiste e a chocarrice



dão o braço à melodia, o bailado e a dança caracterizadamente portugueses ficavam a suspirar pela plasticidade artística que o engenho de Bártolo Valença seria capaz de lhes dar. Por isso ele deu vida e cor à «Rapsódia Portuguesa», sugestiva revista dos costumes e cantares da nossa terra, cuja apresentação foi entusiasticamente saudada por toda a imprensa, e que depois de alguns espectáculos em Lisboa e no Estoril, se prepara para transportar fronteiras.

A imagem da capa enografada sobre uma aguarela tipicamente alfacinha, enquadrar um trecho dessa magnífica realiação à qual muitos chamam «show», mas cujos motivos são todos nossos autóctonos, retintamente lusitadas.

(Cliché de A. Graça e Melo).

A GUERRA ABORRECE-O!...

O dramaturgo T. S. Eliot comprou um velho castelo feudal. O seu primeiro acto foi retirar a colecção de armas e armaduras que decoravam a entrada.

— «A guerra desgostame muito» — declarou ele.

E substituiu as armas por uma colecção de máquinas de escrever desde a sua invenção até aos nossos dias.

A Princesa Maria Pia de Saboia

E os dois ideais da sua vida

Maria Pia de Saboia e Alexandre da Jugoslávia vivem em Versalhes, no Boulevard Saint Antoine (foto 1), numa das numerosas residências situadas perto do majestoso castelo construído pelo Rei Sol.

Os jovens cônjuges Karageorgevic passaram muitas horas num dos pequenos salões da vivenda (foto 2), Maria Pia herdou do pai a paixão pelos discos; de facto, Humberto de Itália possui uma discoteca famosa, Maria Pia e Alexandre alugaram pessoalmente a «vila» em que habitam, interessando-se até pelos pormenores domésticos. Em cima da rádio vê-se o retrato do príncipe em uniforme de oficial da aviação.

A «sala de estar» dos príncipes (foto 3) é dominada por um fogão de mármore branco, que a princesa, muitas vezes, mantém aceso nas noites de inverno, para dar um maior sentido de comodidade à casa. Os príncipes poucas vezes ouvem rádio à noite; preferem receber os amigos ou ver um filme, projectado com uma máquina que recentemente lhes ofereceu um conhecido industrial.

A sala onde os príncipes passam mais tempo está situada no rés-do-chão da vivenda (foto 4), e Maria Pia arranjou-a no estilo Luís XVI, não esquecendo, porém, as comodidades modernas. O divã em que estão sentados é de veludo encarnado.

Na foto n.º 5, temos uma ideia da entrada, num ângulo curioso.

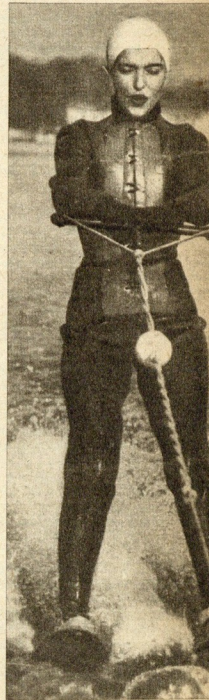
Estas imagens representam, para Maria Pia, os dois ideais da sua vida: o marido e a vivenda. Quanto ao mais, a própria princesa afirma, falando da vida parisiense:

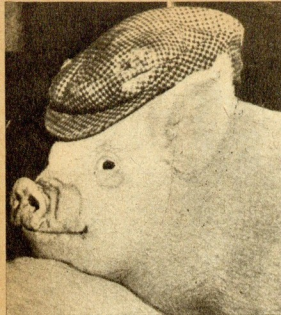
— «Gosto de ir aos concertos e ao teatro. E não faltam para isso boas ocasiões... Ainda não vi Ingrid Bergman em «Châ e simpatia»; disse-ram-me que a artista alcançou grande êxito... Mas, eu e meu marido, ficamos muitas vezes em casa. Temos uma máquina de projectar, que nos ofereceu o conde Cella de Milão. De tempos a tempos recebemos filmes da casa Columbia, que projectamos.



SERIEIA à flor das águas

No inverno como no verão, pretende esta jovem parisiense dedicar-se à prática do esqui aquático; pretende e consegue, pois o frio rigoroso não constitui obstáculo de maior. Devidamente protegida com um fato de borracha, passeia com singular desvelatura pelo leito do Sena. Mas, para o que der e vier (pode, às vezes a prova de esqui obrigá-la a algumas braçadas), a nereide gentil usa por debaixo da sua indumentária visível o «maillot» das series das piscinas — mais prático e mais leve que as vestes de «caut-chou» impeditivas dos movimentos.





A HISTÓRIA SENTIMENTAL do PORCO (III)

(Continuação do n.º anterior)

(Já sabemos leitor que só a leitura do Calendário Nutritivo te fez crescer água na boca. Pois se não estás ainda enfadado, aqui tens para complemento do teu festim mais um naco saboroso. É pequenino mas suculento, e talvez, derretido, dê para uns rojões. Anda, prova-o, que te será grato ao paladar).

NADA há que acrescentar a tão lisongeira e como «saborosa» apreciação do panegirista dos cerdos, senão que no mundo plástico das artes, também o porco teve a sua aplicação, a sua utilidade e a sua glória. Aliás Reyniere não se esqueceu de recordá-lo no seu já citado **Calendário Nutritivo**. Levado pelo seu inusitado amor aos suínos, consignou-lhes este elogio: «O pêlo do seu lombo vem a ser, como ninguém ignora, o primeiro instrumento, o pincel da glória de Rafael Sânzios».

OUTROS ADMIRADORES DO CERDO

Grimand de la Reyniere era um varão bem educado com os animais: comia-os de um modo delicadíssimo. Quase num ritual. Durante vinte e quatro anos, lisonjeou todos os dias o paladar, saboreando costeletas quentes, paulatinamente e com

abundância, e exprimi o seu reconhecimento por forma bem curiosa: sempre que passava por uma vara de porcos, tirava o chapéu, saudava-os gentilmente e dirigia-lhes a palavra: «Como vão os meus amigos; estão bem de saúde? Grunhem de alegria? Este homem risonho e feliz, no seu **Almanaque de bom glúto** exalta a magnífica carne de porco.

O seu sucessor em tão suculenta revista anual, Charles Monselet, foi — caso raro — o poeta do cerdo, e penetrou os segredos deste animal em todas as suas horas. De Monselet são os versos que copiamos a seguir:

**«Todo o cerdo é coisa muito saborosa,
carne, gordura, músculos e tripas,
não há que o depojar da pele cor de rosa;
por isso a gente o ama e a gente o estima».**

No seu castelo de Villeirs-sur-Orge, aquele Grimand de la Reyniere, tão pitoresco, desenhou um cerdo cor de rosa, luzidio e gordo que mandou pintar e esculpir, e numa colcha sobre o leito do seu quarto podia-se admirar a efígie colorida de um leitão nascente. Tanto amava aquele grande senhor o suculento animal!

Mas não sómente poetas como Monselet, mas também os militares como o corajoso Bugeaud, o celebrado herói da Argélia, dedicaram inusitada atenção ao cerdo. Conta-se que, assistindo Bugeaud a uma parada militar organizada em sua honra em Perpignan, no momento culminante da homenagem, o bravo soldado disparou o revólver e desatou a correr atrás de um homem que, armado de lâtego, conduzia uma vara de porcos... Um general seguiu-o nas suas correrias e surpreendido observou ao chefe! «Mas onde vai e que se propõe fazer?» Então Bugeaud retrucou-lhe: Perdoe-me, meu querido general, mas os cerdos atraem-me irresistivelmente.

E segurando um dos rosados porcos por uma pata, exclamou: «Vê, amigo, que suculentos presuntos, que enchidos de carne, ricos de substância!... Repara nestes rins tão negros e fortes. E pensar a gente que o moço que os conduz encontra meio de ganhar a vida dando esta bela e magnífica carne a 60 céntimos o quilograma!... Isto é altamente interessante. E não achas que alimentar os homens é sempre mais meritório que castigá-los?»

Bugeaud não foi o único marechal de França a interessar-se pelos nédios bacorinhos. Deve-se ao marechal Vauban a curiosa estimativa de que a descendência de uma só marrã pode alcançar em quinze anos o contingente de

seis milhões e quinhentos mil cerdos, e que, no décimo-sexto ano, essa descendência chegaria a cobrir a terra inteira.

Todos os cerdos que existem actualmente na América provêm de oito porquinhos levados por Cristóvão Colombo para o Novo Mundo. Em paga desses oito «corrochinhos» a América enviou para a Europa esquisitos manjares, e isso se deve ao exímio almirante — além da batata também procedente das plagas que ele descobriu, e tão unidas em cozinhados à deliciosa carne porcina.

A batata como muitas outras coisas contribuiu grandemente para o desenvolvimento dos cerdos na Velha Europa, pois tornou-se a sua alimentação mais nutritiva.

Hoje, as estatísticas demonstram que, pese ao cálculo de Vauban, o número de cerdos diminui comparativamente com a propagação total da Terra, e parece comprovado que o porco absorve quatro vezes mais calorias que o homem...

SORTE CRUEL

Triste destino o do báculo ter sido considerado máquina de fazer toucinho, fiambrões e enchidos, pois como produtor de calorias, os homens o sacrificam à sua insaciabilidade.

Os franceses aproveitam os cerdos para aplicações que podem reputar-se muito humanas. A velha tradição girondina de matar um par de cerdos no dia da morte do seu padroeiro, 17 de Janeiro, levava a fazer imprecações pela saúde das suas crias. E a benzedura dos animais no dia de Santo António Abade ainda hoje é celebrada.

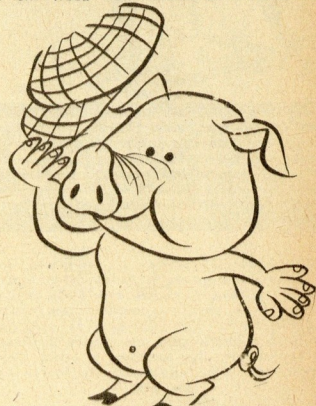
No ano de 1944 foi designado num lugar de Provença o dia de S. Roque, para comemorar o cerdo, que nessa aldeia desfrutava das maiores simpatias e afectos. E se o leitor calhe alguma vez de passar pela Gasconha e perguntar a qualquer rapazote qual é, em sua opinião, a melhor festividade do ano, ele responder-lhe-á com entusiasmos, «in continenti»: «Não há dúvida, a festa do Cerdo!»

Apesar dos esforços de algumas lavradoras, generosas ao dar aos porcos a merecida honorabilidade, e o devido preito de carinho, a reputação dos pobres animais sofreu profundo golpe nos fins do século XIX: houve quem os comparasse a velhos rabujentos em seus gestos e grunhidos. Mas não vale a pena insistir no caso. Dessa época, tão degradante, citaremos apenas uns versos do soneto de Armando Silvestre, poeta espanhol, que não é muito elogiativo nem para o cerdo nem para o homem. Reza assim:

«Pese a Noel e às suas hecatombes, nem todos os cerdos morrem nesse dia, pois conheço muitos que ficaram vivos».

E chegámos aos nossos dias na história do rosado animal. Graças a Walt Disney, estranho criador de «Silly Symphonys», os três porquinhos alegres e de uma inocência cheia de graça, ressarcem-se das calúnias dirigidas a esses animais, apresentam-se amáveis e fazem por esquecer os insultos que as imaginações impuras lhes lançaram em rosto.

História triste a desse pobre quadrúpede que nos entrega o corpo numa dádiva total e em troca não recebe senão desprezos.



O BANQUETE COMEMORATIVO DO ANIVERSÁRIO DA A. P. R.

Contrariedades inesperadas, surgidas à última hora, que não pudemos remediar, obrigam-nos a reservar para o próximo número a notícia do almoço comemorativo da «Agência Portuguesa de Revistas», realizado no Restaurante Castanheira, ao qual assistiram, além dos Directores da A. P. R., as suas Ex.^{mas} famílias todos os funcionários e colaboradores da importante organização e ainda alguns amigos.

Tu, deliciosa fantasia...



Nem tudo o que brilha nos seus vestuários é ouro. Elas são, como todas as jovens que aqui apresentam, aprendizes de uma Escola de modas de Munique, as quais entretem o labor de criar trajos originais com pouco dinheiro. E temos de confessar que o conseguimos.

Bela de Marte — assim se chama este traje. Calças justas às pernas e «pullover» negro são adereços comuns a todos estes modelos. Porque? Porque o «Rock and Roll», a dança do Carnaval, dança-se melhor sem vestidos a arrastar. Foi em vão que os cavalheiros românticos procuraram nos bailes a presença de danças vestidas segundo o estilo doutras épocas. Mas uma «pequena» de Marte é um par gentil.



«A bruxa do tempo vagueia». De cabelos desgrenhados e envolta em nuvens de tulo. Tem o rosto oculto sob uma máscara e diverte-se a fazer dos outros tolos. Os meteorólogos deviam procurar o seu auxílio: talvez as suas previsões do tempo saíssem mais exactas.

Preços de pechinchas — Quem chegou atraído aos saldos pode ainda servir-se aqui. Retalhos de todas as cores do arco-íris presos ao decote por molas de roupa estão ao vosso dispor. Mas... cautela, senhores! A «pequena» dispõe de garras felinas para se defender dos ladrões.



A avó em «Negligé». Mal sonharia a avó que a sua neta iria, com este traje tão simples, a um baile. Simplesmente desavergonhada, a juventude de hoje! E que diremos nós? Que as avós tinham um aspecto atraente e que as suas roupas interiores tinham um efeito deslumbrante, comparadas com a maior parte dos trajos de carnaval actuais.

A cabeça do «caniche» está escondida sob o veludo preto. Como filósofo entre os animais (do Carnaval), ocultar-se-á no anonimato até encontrar o par que lhe convenha, transformando-se numa jovem encantadoramente graciosa.



Este modelo apresenta-se com cabeleira de pagem (de lã de ovelha) e bibe azul, sob o qual se nota a camisa de bebé. Um pouco dançará, dir-se-á quando a virem dançar o conhecido «Rock and Roll». Mas... temporã também é a Moda que nós adoptamos.



QUE SABEMOS NÓS DO CASAMENTO?

...sabemos, pelo menos, que, se pudéssemos prorrogar a ventura do amor no matrimônio, teríamos o céu na terra.

Mas esse desígnio de felicidade que nos leva ao altar para receber o santo sacramento do Senhor, é muitas vezes ilusória e fugidia volúpia de almas, que se evola e se desfaz às primeiras horas. O idílio de primavera, que enflorou os nossos moços dias, muda-se, então, sinistramente numa fonte de quezílias, de contrariedades, de desgostos tantos que nos tornam ingrata a existência.

E a vida conjugal pode, efectivamente corresponder à vontade de Deus, que o instituiu na sua Lei Divina para que, crescidos, nos multiplicássemos.

Em seis quesitos com respostas indicadas, intentamos encaminhar os jovens corações amantes para a meta da compreensão recíproca. Só ela pode fazer do lar o cantinho do Céu, que as almas buscam, anelantes, nesta vida.



1 — Há um género de pessoas perigosas para casar?

(Resp. na pág. 19)



3 — Todos os casais estão satisfeitos com o número de filhos que têm?

(Resp. na pág. 23)

5 — O aspecto exterior é o melhor atractivo para o amor romântico?

(Resp. na pág. 26)



2 — Por que fracassam muitas luas de mel?

(Resp. na pág. 19)



4 — A desdita conjugal influi noutros aspectos?

(Resp. na pág. 23)

6 — Há indivíduos que nasceram um para o outro?

(Resp. na pág. 26)



A Dona de Casa — Modelo

Ao leitor amigo, que mirou e demorou, por fora, a nossa revista, deparei-se, com certeza, este assunto apresentado na contra-capá: **Uma dona de casa-modelo**. E casado ou não, ficou logo a sonhar delícias...

Nós bem sabemos que a vida doméstica é para si um problema, um problema intrincado que o persegue a toda a hora.

Pois bem; aqui nas imagens que lhe oferecemos. Ilustram uma lição. Extraia delas conceitos e depois transmita-os à sua consorte ou guarde avaramente para quando, quer queira ou não tiver de ser pródigo com a sua cara metade.

*

Jo Sullivan, uma loura actriz da Broadway serve de monitora para mostrar à sociedade (e à sociedade) os recursos da moderna ciência doméstica. E Dan Jackson, o marido, diz-se satisfeito com os resultados.



O ruído do despertador contende com os nervos de todo o sedentário que se preza. Cubra o relógio com uma campânula de vidro. E até talvez nem acorde cedo.



Maneira prática de assar ou de fritar salchichas: um prato de papel evita o perigo de queimar ou afectar as mãos.

Resposta à Pergunta 1 da Pág. 18

Sim, o jovem que nunca se desprendera das saias da mãe e a menina que foi sempre mimada pelo papá. Esta espécie de pessoas pode chegar aos 30, 50 ou 60 anos de idade, mas o seu temperamento, hábitos e reacções serão sempre o de crianças crescidas. Nunca aprenderão a procurar por si próprios a felicidade, e as pessoas que não conseguem ser felizes mercê da sua iniciativa, jamais podem tornar ditos (ou ditosa) o seu (ou a sua) consorte. Eis o tipo de marido ou de esposa realmente perigosos.

Resposta à Pergunta 2 da Pág. 18

De acordo com um estudo publicado por Helen Colton numa revista americana, as causas são as seguintes: em primeiro lugar, a noiva estar habituada a festas do seu tempo de solteira (bailes e outras reuniões) que lhe permitiam coquetear um pouco embora sem consequências. Em segundo lugar, de os noivos que não são ricos, levarem meses ou anos a pagar as despesas de casamento (cerimónia e banquete oferecido aos convidados). E, finalmente, circunstância de muitos jovens ignorarem quase por completo o que é a vida conjugal.

Ricardo Wagner

revolucionário



Na vida ardente e tumultuosa de Ricardo Wagner houve períodos que, embora descontada a consequente deformação da lenda, podem considerar-se febrilmente revolucionários. Múltiplas narrações do ano de 1849 apresentam-nos Wagner como sombrio conspirador, integrado em severas conjuras, junto de anarquistas tão fêmeis como Bakunine. Wagner esteve nas barricadas, sustando o fogo, e nesses livros de recordações, vêm-lo avançar de tocha na mão para incendiar o teatro de Ópera de Dresden, onde foi director de orquestra. A sua intervenção na sublevação de 1849 oferece vivo interesse, tanto dramático como psicológico, digno de ser recordado num trabalho de evocação.

As grandes esperanças que o povo germânico depositara no movimento revolucionário nacional de 1848, haviam de desvanecer-se em

enorme desengano, num fracasso. Ilusoriamente esperara que o Parlamento de Francfort, reunido em Maio daquele ano, deliberasse a unidade da Alemanha. Mas no curso das sessões, particularistas e conservadores opuseram obstinada resistência às aspirações de liberais e democratas e recusaram-se a aprovar a Constituição redigida.

Em Abril de 1849, o rei da Prússia, Frederico Guilherme IV, repudiou a coroa imperial que lhe ofereceram os alemães. Contra o movimento nacional e democrático, dirigido por grupos de Associações patrióticas («Vaterlands vereine»), formou-se sob a instigação do governo prussiano uma verdadeira «Conjuração de Príncipes», segundo a expressão empregada pelo democrata saxão Röckel, grande amigo de Ricardo Wagner.

Na Saxónia foram feitos prisioneiros os governantes conservadores que, com o conde Beust, formavam um governo de maioria. A dissolução de tal governo, em 30 de Abril de 1849, deu origem a um levantamento que, segundo a versão oficial «fora preparado havia muito, tempo, secretamente», por elementos revolucionários de países estrangeiros.

Na realidade, a sublevação parecia espontânea, não preparada com anterioridade nem premeditada; no entanto, há fortes razões para supor que o movimento fora mais ou menos organizado, obra dos mesmos saxões resolvidos a sufocar definitivamente a tendência nacional e democrática, e a assegurar o auxílio prussiano nessa obra de reacção e de repressão. As tropas prussianas estavam concentradas na fronteira, prontas a intervir ao primeiro aviso do governo saxão, ao mesmo tempo que, de todas as partes afluíam ao palácio real saxões que protestavam contra a dissolução do governo do conde Beust.

No dia 1 de Maio, Wagner escreveu ao seu amigo Röckel: «Caminhamos para um conflito decisivo, não com o rei, mas com as tropas prussianas. Não há outra solução senão a de que a revolução rebente, quanto antes».

No dia seguinte, a Associação patriótica de Dresden, de que Wagner fazia parte, constituiu o seu Comité de Defesa contra as tropas estrangeiras, e encontrava-se decidido a opôr forte resistência armada à possível invasão dos prussianos. A luta que se avizinhava, apresentava duplo cariz: era, ao mesmo tempo, uma luta nacional pela unidade da Alemanha contra o governo particularista do conde Beust, e uma batalha de defesa da pátria saxónica ameaçada pelo exército da Prússia.

Nesse mesmo dia, um trágico incidente fez deflagrar o conflito armado. Os soldados dispararam sobre a multidão sem que houvessem sido provocados. Cinco pessoas caíram mortas e os seus cadáveres foram passados numa carreta pelas ruas de Dresden. Enquanto o povo intentava,

sem êxito, assaltar o Arsenal para se munir de armas, a bandeira rubro-negra e o ouro do Santo Império era hasteada na varanda do Palácio da cidade, e nas torres das igrejas ressoavam os carrilhões. Na noite de 3 para 4, o rei com os seus familiares e ministros, abandonou Dresden sob o maior sigillo para se refugiar na fortaleza de Koenigstein.

Em 4 de Maio, os membros do governo Beust resolveram confiar o poder a um governo provisório encarregado de organizar a resistência.

A batalha decisiva estava iminente. Desde a sua apresentação como director de orquestra, Ricardo Wagner, funcionário de Sua Majestade o rei da Saxónia, aderira com todo o ardor aos revolucionários.

Evocando muito mais tarde esses tempos nas suas Memórias, o insigne compositor escreve: «Foi assim que eu aderi à insurreição de Dresden, a qual a muita gente se afigurou um levantamento geral. O que pode ser o que foi, certamente não o vejo agora com clareza, tão distante me encontro daqueles momentos e daquele mundo, ao qual dos mais íntimo do meu ser direi que já não pertenceo...»

Estas vagas linhas ao mesmo tempo que testemunham o velho sentimento revolucionário de Wagner, deixam entrever a diferença fundamental que o separava dos homens exclusivamente políticos, ao lado dos quais combateu com ardor. Vê-se que quer salvaguardar a sua consciência quando nos diz: «Acima de tudo, em tudo quanto eu fiz, e pensei e sou, sinto-me unicamente um artista», escreveu um dia a Liszt. No entanto, sofreu profundamente. Sofreu o estado de decadência de uma pátria em que a arte languidescia numa sociedade que escutava a angústia da falta de dinheiro, e se preocupava unicamente consigo própria. Wagner chegou a sentir intimamente a necessidade de destruir o estado social responsável da decadência da sua pátria. A sua intervenção nas tentativas de reforma do Teatro germânico reflectiam o seu propósito, faziam parte da sua diligência revolucionária. A Revolução, tal como Wagner a concebia, tinha o dever de restituir à arte a sua dignidade primordial; no credo wagneriano era condição essencial «Regenerar a Humanidade pela força emotiva da arte».

Mas certamente, nada existia de comum, nada logicamente comparável, entre esta «Revolução Humana» realizada pelas artes, sonho do grande músico-poeta, e o programa de reformas do Estado, em que consistia o único objectivo dos profissionais da política.

Continua no próximo número)



UM RECÉM-NASCIDO GIGANTE!

Os médicos e as enfermeiras da Maternidade de Evanston viram-se atrapalhados com este pequeno. Quando nasceu, John Wiodarczik—assim foi baptizado—pesava nada mais nada menos do que a beleza de sete quilogramas e meio!

O «gigante dos recém-nascidos» é o primeiro filho de um jovem casal de operários.

Os pais são de constituição normal e a mamã não se queixou de particulares distúrbios durante o período de gravidez.

Nesta imagem, o pequeno-grande John aparece-nos «encaixado» num berço normal, e, por isso, tem as perninhas um pouco encolhidas. Não houve outro remédio senão adquirir um berço mais avantajado...



Na escada da fama

A loira Mariana Ljunggreen é considerada pelos «especialistas» uma das actrizes mais fotogénicas que a Suécia apresentou ao mundo depois de Greta Garbo e de Ingrid Bergman. As ofertas de Estocolmo acumulam-se, mas Mariana sorri desdenhosamente e diz que espera pela América.

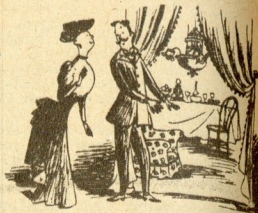
É ESTA A RAZÃO

Anfitrião

Chama-se anfitrião a todo aquele que senta à sua mesa um convidado, por modesta que seja a comida que lhe oferece.

Anfitrião foi um rei de Tebas que, ajudado por Alema, sua mulher, obsequiava, frequentemente, os convidados, com grandes festins. Em memória desse rei, passou a chamar-se anfitrião a todo aquele que, com grande aparato, convida os amigos para comer. Hoje, porém, chama-se anfitrião a todo aquele que nos dá de comer, embora a refeição seja modesta.

Os tempos mudaram e o preços dos comestíveis também.



Ninguém é profeta na sua terra

Esta frase foi extraída do capítulo XIV do Evangelho de São Lucas. Segundo este apóstolo, Jesus explicava a Divina Lei da sinagoga de Nazaré; e, ao ver que os conterrâneos não lhe prestavam atenção, disse: «Amém dico vobis quia nemo propheta acceptus est in patria sua», o que vertido para português significa: «Em verdade vos digo, que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria».

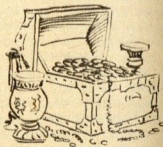
A frase foi abreviada, mas o sentido é idêntico.



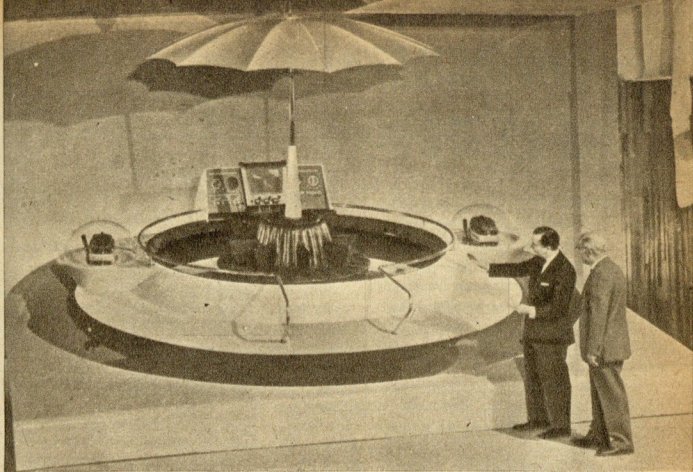
Ser um Cresus

No reino da Lídia havia uma região, a de Pactolo, cujas areias continham muitas pepitas de ouro. O rei dessa nação que se chamava Cresus, graças a essas pepitas tornou-se imensamente rico. Tal fama de opulência passou de geração a geração, e ainda se recorda. É por isso que os favorecidos pela Pelúcia são uns Cresus (os «outros» são uns tesos).

Rima e é verdade.



O DISCO NADADOR



Em Nova Iorque esteve em exposição a singular embarcação que vemos na imagem. Tem a forma de um disco e está apetrechada com uma tele-câmara sub-aquática, que permite ver num «écran» a fauna submarina.

O seu preço é de 14 mil dólares (cerca de quatrocentos contos).

Num modernismo tão dispendioso, não deixa de ser digno de nota que nada foi inventado de melhor para resguardar do sol e da chuva do que o... guarda (sol ou chuva, evidentemente)!

Resposta à pergunta 3 da Pág. 18

Um inquirido, promovido por uma revista americana de eugénia, foi afirmativo sem ser conclusivo. Setenta e cinco pessoas ouvidas disseram que sim, embora a estatística extraída do referido inquirido indicasse a média de um filho por cada casal. A própria revista que patrocinou o plebiscito desconfia das declarações e, chistosamente, comenta: «se a pergunta, em vez de ser aquela, inquirisse se os casais estavam satisfeitos com o número de gatos ou de cães que têm em casa, a resposta seria certamente a mesma». Nós, por conta própria, aventuramos que os depoimentos dos cônjuges americanos não servem de padrão. O modo pelo qual eles encaram a sua eternidade e o seu infinito discrepa com certeza do prisma pelo qual povos de outras latitudes e de outros climas vêem a sua descendência. Nada categórico, portanto, no que se refere a este aspecto de vivência.

Resposta à Pergunta 4 da Pág. 18

Sem dúvida. Quando uma pessoa não é feliz na vida conjugal, essa situação reflecte-se noutros aspectos da sua existência; altera profundamente os hábitos e não raro a desencoraja; mata-lhe o gosto de viver. Quando um casal não se dá bem, as contrariedades não surgem apenas no lar como também se projectam fora dele. O marido vai para o trabalho de mau humor e o seu labor não lhe rende. Outro tanto se passará com a esposa. Se estiver empregada, não conseguirá evitar discussões com os colegas e amigos.

8 HISTÓRIAS ALEMÃS

1 Maxwell visita a exposição de pintura e repara que diante dum pequeno quadro está uma jovem completamente absorta. Depois de percorrer as restantes salas encontra de novo a mesma jovem diante do mesmo quadro, e com a mesma atitude atenta.

— «Faz favor» — pergunta Maxwell ao guarda da exposição, «aquele quadro tem alguma coisa de especial?»

— Não, cavalheiro, o quadro está resguardado por um vidro, e o vidro faz de espelho».

2 — Então, Brack, ouve alguma novidade por teres chegado tarde a casa? Que te disse a tua mulher?

— Nada. Apesar disso tenho de mandar arrancar os dois dentes da frente.



3

4 Lili delira ao falar do seu novo namorado, mas Helga ouve-a enfasiada.

— Diz-me cá, estás a fingir, ou és mesmo um bloco de gelo? — pergunta Lili irritada. — Nunca te emocionaste junto dum homem simpático?

— Já — respondeu Helga com indiferença — Quando me sentava no assento de trás da «lambretta».

5 Uma viúva diz ao novo criado que se apresenta: — Preciso de um homem que execute todos os trabalhos necessários da casa, e ajude também no jardim, que receba as visitas, em suma, um homem que não discuta e cumpra as minhas indicações à risca.

— Receio, minha senhora, não estar nas condições exigidas. V. Ex.ª não procura um criado, procura um marido!

6 A Sr.ª Mc Nepp compra uma nova mala de mão. — Quer que lha embrulhe neste papel de seda? — pergunta a vendedora.

— Não, obrigada — responde a Sr.ª Mc Nepp. Mas, faça favor, ponha o papel e o atilho dentro da malinha.

7 Arly encontra a Bibi na escada do prédio onde ambos moram, e diz:

— Ouviu com certeza... nós, ontem, à noite, batemos com bastante força na parede.

— Ah, não se incomode; tivemos uma pequena festa e estivemos toda a noite a fazer barulho.

8 Semeling ouve com muita paciência durante mais de uma hora as gabarolices desportivas do seu patrão, até que consegue afastar-se. Ele, porém, continua; chega junto dele e acrescenta:

— Mas ainda há mais: quando corri os cem metros pela primeira vez contra bons adversários, ganhei também no mesmo dia os duzentos e os quatrocentos; uma semana depois, venci a corrida da milha. Que lhe parece? Deverei correr também os cinco mil metros?

— Oh, sim! exclamou Semeling — Corra-os imediatamente!

FREDERIKA O SEU AMOR E OS SEUS MILHÕES



O enredo de uma novela cor-de-rosa. A jovem milionária Frederika Sigrist de dezassete anos fugiu de casa para desposar um rapaz moreno, pobre, mas honrado, Gregg Suarez, decorador de profissão. Os

dois casaram-se civilmente em Porto Rico, mas para que o seu matrimónio gozasse das graças do Senhor receberam depois os sacramentos da Igreja na República de S. Domingos. E são felizes, tributam-se uma paixão que só encontra paralelo nos amores de lenda.

Os instantâneos que o fotógrafo recolheu em Haiti onde Frederika e Gregg celebram a lua de mel, demonstram à saciedade o grande afecto que entrelaça dois jovens corações a palpitar no mesmo ritmo.





O balão, ao agitar-se à superfície da água, foi o sinal de alarme que fez acudir a mãe em auxílio da criança.

Depois de salvo, o pequeno Ernst, muito sério, posa para o fotógrafo, já quase esquecido do mergulho na água fria.

Resposta à Pergunta 5 da Pág. 18

A aparência conta muito, mas a beleza física é, amiúde, bom critério para julgar o amor romântico. O encanto de uma rapariga de nariz atrevido e covas no rosto pode ser motivo de uma paixão violenta, ao passo que uma beleza estatuária é susceptível de passar despercebida ao sexo masculino, maxime aos homens que não sabem despertar as atenções de uma mulher. Na realidade, torna-se difícil estabelecer normas, pois tudo depende do temperamento de ambos os sexos.

Resposta à Pergunta 6 da Pág. 18

Estudos realizados nesse sentido não demonstrado que as pessoas de tendências e temperamentos similares se atraem mutuamente. Os jovens, de personalidades antagónicas enamoram-se loucamente, mas o seu idílio dura pouco. Também acontece, muitas vezes, que indivíduos de personalidades semelhantes, posição social idêntica e gostos afins, estejam muito longe de se apaixonar. Em suma: falando de amor não se pode ser dogmático. A Natureza mostrou-se caprichosa.

O BALÃO SALVOU-LHE A VIDA

«Tenham cuidado, não caiam à água!» fora a recomendação duma mulher aos seus dois filhos, que brincavam na margem do rio Reuss (Suíça). Mas o pequeno Ernst não via senão o balão que a mãe lhe dera. A mãe olhou um momento paor o lado. Quando olhou de novo, ficou aflita: Ernst desaparecera. O balão agitava-se acima da superfície das águas do rio. Não havia dúvidas. O miúdo mexia debaixo de água. A mãe gritou por socorro. Acorreu um polícia, que conseguiu salvar o miúdo.

TAINI, A RAPOSA do DESERTO

CHAMA-SE Taini, e é uma raposa dos desertos africanos. A jovem que a apresenta, Sunsiare, de sua graça, estudou línguas orientais, é manequim, e decora montras de casas de modas, em Paris. Taini foi-lhe confiada por um realizador de filmes culturais, que lhe trouxe directamente do Sara. Vai cumprir duas primaveras e habituou-se de tal forma a Sunsiare e a Paris que dorme instalada como um cãozinho e acompanha a dona às compras ou nos passeios pelo Bois de Boulogne. Além disso, as duas amigas estiveram recentemente numa grande recepção, entre gente famosa. Taini, sentada ao ombro de Sunsiare, e a sua dona, foram tão notadas que já pensam num convite para filmar.



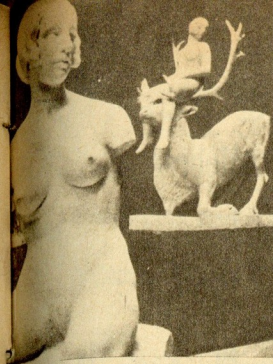
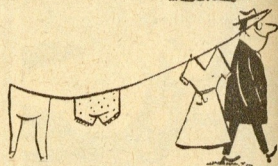
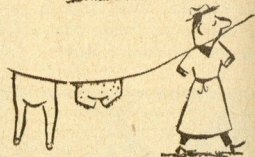
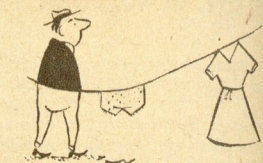
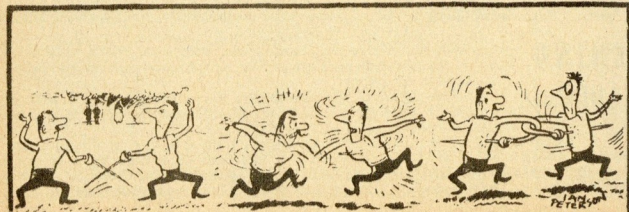
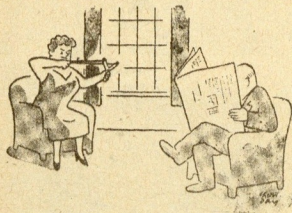
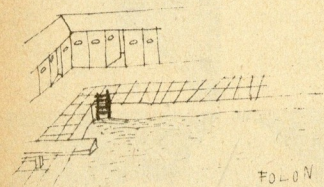
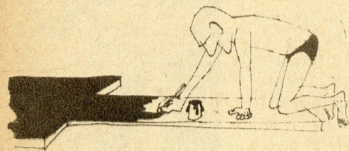
OMENINO e o LOBO...

Um menino, acompanhado do seu cão-lobo, brincou na neve durante um dia inteiro. Aconteceu que caiu num fosso, que a própria neve tornava difícil encontrar, pela brancura que imprimia a toda a paisagem em redor.

Ao fim da tarde, um çamponês viu o menino, por acaso, e tentou aproximar-se dele... mas o cão-lobo não permitiu que o homem se aproximasse.

O bom aldeão fugiu e deu a nova do que vira e do que lhe acontecera. Os pais do menino correram ao local onde o menino e o cão-lobo continuavam, e só então foi possível levar o imprudente para casa, porque o seu «guarda» permitiu que os progenitores do pequeno se aproximassem, dando por finda a sua responsabilidade.

Sorrisos a lápis...



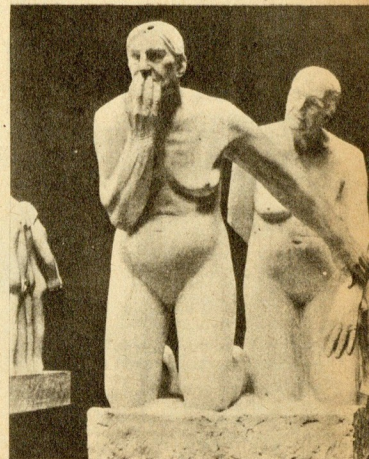
1— Não se trata de Vênus de Milo, mas de uma interpretação da beleza, uma nova visão da vida. 2— A juventude, simbolizada no casal que se ama. Há muita poesia nessa obra, como em tudo o que fez Vigeland. 3— O despertar para o mundo, os primeiros dias de vida, são aqui interpretados com profundidade e beleza.

O Maior Escultor Norueguês

O original VIGELAND

O maior escultor norueguês, de todos os tempos, morreu em 1943, mas sobrevive nas suas obras. Trata-se de Gustav Vigeland, que nasceu em 1869 e viveu sempre como introspectivo. Detestava a publicidade. As esculturas de Vigeland distinguem-se pela originalidade, pelo sentido grotesco, pela característica especial que insufla todos os seus trabalhos. Dizem que certa vez o escultor confidenciou que nem todos poderiam compreender a sua arte. Mas a verdade é que a municipalidade de Oslo, capital da Noruega, o compreendeu. E em 1921 doou ao artista, um magnífico estúdio, e proporcionou-lhe recursos para trabalhar, em troca dos direitos de propriedade das suas criações. Esse estúdio é, hoje, o Museu Vigeland de Oslo. O Frogner Park, que o circunda, é um dos pontos predilectos do povo da capital norueguesa. Lá estão as suas

esculturas. Originais. Revolucionárias. Agressivas, por vezes. Mas constituem o motivo de orgulho de um povo apaixonado pela arte.



A velhice, tema não muito do agrado de Vigeland. Mas o artista interessava-se em fixar a realidade. ➡

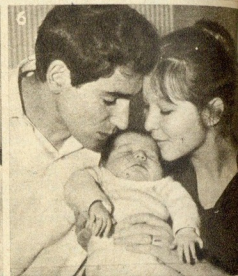
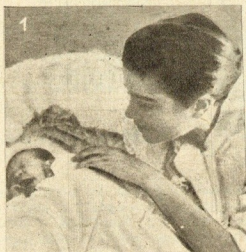
Antes de Grace Kelly:

Mamãs e futuras mamãs célebres

As alegrias da maternidade superam os idílios sentimentais de que extraíam fruto os agentes publicitários, sequeiros de assunto para o seu mister. As actrizes de hoje também têm o seu papel real na vida humana: o papel de esposas e de mães. A volubilidade excitante, concersivamente imposta pelos enredos de tessituras romancescas embora fique impressa no celulóide, já se não evade dos estúdios onde elas representam. As estrelas da sétima arte têm a sua mansão nele, onde o verdadeiro amor se materializa e perpetua.

Que doce é ser mãe! E que quadro lindo é ver a esposa ao lado do consorte, nos braços, embalando o filho — disse um poeta.

Nas imagens que se publicam nesta página, mulheres célebres parecem compor uma elegia ao amor e à vida.



Legendas

1 — MÃE, palavra harmoniosa que resume em si tudo o que o amor tem de mais puro.

2 — Marison Pavan, esposa de Jean-Pierre Aumont e irmão de Pier Angeli, declarou há pouco: «Espero um bebé para o mês de Julho».

3 — Gina anunciou mais ou menos para essa altura o natal do seu rebento.

4 — Quanto a Marilyn... a «estrela de ouro» persiste em intrigar os seus admiradores. Nem desmente, nem confirma os boatos que circulam...

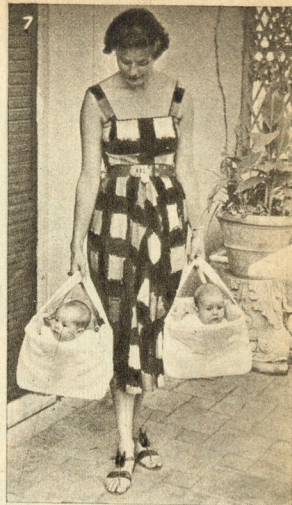
5 — Em Julho do ano findo, Olívia de Havilland teve uma menina, chamada Gisela. A foto documenta o júbilo dos progenitores. O pai é o jornalista Pierre Galante que a actriz desposara, um ano antes.

6 — O dia 4 de Outubro de 1956 assinalou o nascimento de Igor, filho da encantadora Marina Vlady e do actor-realizador Robert Hossein. Igor é o mais jovem representante da linhagem Poliakoff.

7 — Em 1952, Ingrid Bergman deu à luz dois lindos pimpolhos, filhos do seu segundo marido, Robert Rossellini. O mundo chamou aos bebés os gémeos do século.

8 — Julieta Greco e Philippe Lemaire, ela ex-sacerdotiza e ele ex-pontífice do existencialismo conheceram-se no exercício dessa manifestação. Conheceram-se e amaram-se e o fruto do seu amor consumou-se na pequenina Laurence-Maria que conta, agora, 3 anos.

9 — O maior prazer de Antonuella Lualdi é brincar com o seu bebé no intervalo das filmagens. O seu marido é o jovem actor Franco Interlenghi.



NO MUNDO DO

Jazz!



Sete orquestras e uma cantora, Carol Danell (que vemos numa das fotos), concluíram em Sam Remo o «Segundo Festival Internacional do Jazz».

Foram tributadas ovações formidáveis ao «saxofone» negro Sidney Bechet (que já vimos em Lisboa e que está na outra foto, ao lado do «clarinete» André Rewellioty) que, com setenta anos bem contados, possui ainda invejável vigor e mestria.

Bechet é uma glória do jazz tradicional, um estilo que, embora continuando a suscitar entusiasmos, demonstrou, em San Remo, ter sido um pouco ultrapassado pelo mais «intelectual» jazz moderno, que tem já os seus benjamins para o público.

Isto quer dizer que o «Rock and Roll» é capaz de ter forças para fazer escola...



Neste número

A D^ª DONA DE
CASA-MODELO



SOFIA LOREN
"MULTIPLICA-SE"



O BOXE DESPORTO PROIBIDO?

FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.

N. 14

PREÇO 1\$50